Valdemar Aveiro, o cronista da pesca do bacalhau

Valdemar Aveiro (2006), *Histórias Desconhecidas dos Grandes Trabalhadores do Mar. Recordações da Pesca do Bacalhau*. Lisboa: Âncora Editora, 226 p.
— ([2]2007), *80 Graus Norte. Recordações da Pesca do Bacalhau*. Porto: Papiro Editora, 214 p.
— ([3]2009) *80 Graus Norte. Recordações da Pesca do Bacalhau*. Lisboa: Âncora Editora, 214 p.
— (2012), *Murmúrios do Vento. Recordações da Pesca do Bacalhau*. Lisboa: Editorial Futura, 222 p.
— ([2]2014), *Ecos do Grande Norte. Recordações da Pesca do Bacalhau*. Lisboa: Âncora Editora, 141 p.
— (2016), *Nómadas do Oceano. Recordações da Pesca do Bacalhau*. Lisboa: Âncora Editora, 165 p.

> «A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‹puro em si› da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida a retirar dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.» (Benjamin, 1994: 205).

Em jeito de introdução

Eça de Queiroz, na famosa carta a Joaquim de Araújo (25 de fevereiro de 1878), que lhe pedira uma biografia de Ramalho Ortigão, escreve com humor e alguma ironia: «Diz-se geralmente – Ramalho Ortigão, autor de *As Farpas*; não seria inexato dizer – *As Farpas*, autoras de Ramalho Ortigão. A sua obra tem-no criado» (Queiroz, 2000). Parafraseando Eça, é possível dizer, agora sem ponta de ironia, que os cinco volumes das *Recordações da Pesca do Bacalhau* são autores de Valdemar Aveiro. Sim, se criamos palavras, as palavras também nos

criam a nós. É com palavras que pensamos, recordamos, transmitimos e damos sentido à vida. «O homem é palavra, está tecido de palavras; o homem dá-se na palavra e como palavra» (Bondía, 2002: 21). Em verdade, os livros deste memorialista e exímio contador de «histórias reais», publicados entre 2004 e 2016, são a sua «biografia do espírito», são um autorretrato moral e sentimental, que nos permite entrever um homem cheio de mundo, de largo «saber só de experiência feito», um homem de mil viagens e contactos com gente de muitas qualidades e crenças, de variada proveniência, com uma «natural propensão para contactar com estrangeirada» (Aveiro, 2006: 94; *idem*, 2014: 113), um observador dotado de um olhar penetrante, servido por uma escrita ágil e bem-humorada, um homem de personalidade forte: «Desde os meus tempos de garoto, sempre gostei de viver de pé e foi nessa posição que atingi a proveta idade de 80 anos» (*idem*, 2016: 9).

Mais difícil é afirmar sobre Valdemar Aveiro o que Eça diz do seu amigo: «Ramalho Ortigão *depois* das *Farpas* é um homem inteiramente diferente de Ramalho Ortigão *antes* de *As Farpas*». Não conheci o Capitão das *Recordações da Pesca do Bacalhau* no seu tempo de mar, mas ele sai diferente da experiência de cada um dos seus livros, em resultado de uma óbvia pressão passado-presente: atento a todos os pormenores nos dois primeiros, mais sintético (e desiludido com o presente) no último, embora esses cinco livros possuam uma admirável unidade. Não por acaso, especialmente nos dois últimos, regressa a episódios e histórias dos primeiros, numa repetição ou circularidade temporal aparente. Algumas figuras ressurgem aqui e ali, como se tivessem tido outras vidas, mas isso resulta da importância que atribui a essas memórias, figuras e situações. Numa entrevista ao *Jornal de Letras*, de 9 de outubro de 2014, quando questionada sobre se relia os seus livros antigos, Agustina Bessa-Luís não fugiu à pergunta: «Às vezes, a minha tradutora diz-me que aparecem passagens repetidas e até personagens. Isso acontece também com os pintores. São as coisas que mais nos impressionam» (*apud* Nunes, 2014: 6). Neste caso, há outra razão forte: a impossibilidade de se encerrar num ou dois volumes o testemunho de décadas: «uma vida tão intensamente vivida, tão cheia, como é a minha, não se esgota num pequeno volume com meia dúzia de histórias» (Aveiro, 2006: 13), o que é, também, um reconhecimento da existência de alguns silêncios e esquecimentos nos primeiros livros. No último volume, a propósito do episódio sobre o 25 de abril, vivido a bordo no *Coimbra*, diz que escreveu essa história porque lhe «pareceu injusto deixá-la esquecida» (*idem*, 2016: 71).

As *Recordações* não têm outro qualquer paralelo com *As Farpas*, publicadas entre 1871 e 1882. *As Farpas* são isso mesmo – farpas – que visam «promover o

riso», «espicaçar» e, no fim de contas, moralizar e reformar a sociedade portuguesa do tempo da Regeneração. As *Recordações*, uma extensa autobiografia centrada na Grande Pesca, não deixando de moralizar também, são um Monumento, uma homenagem aos «grandes trabalhadores do mar», «gente simples mas de grande dimensão humana» (*idem*, 2009: 15), escritas anos depois, já longe dos mares do bacalhau. São cerca de 850 páginas de texto, ilustradas por uma vasta galeria de imagens – 210 fotografias e alguns mapas dos locais de captura do fiel amigo –, e rematadas com um glossário de termos técnicos e expressões do «dialeto pescador» de cerca de 35 páginas.

Nesses livros, o nosso Capitão da pesca de arrasto desfia o rosário da sua vida dura de «nómada do oceano», desde o tempo em que, muito cedo, «garoto pobre, de origem humilde», nado e criado na vila de Ílhavo, se fez aprendiz de barbeiro e serralheiro e servente na construção civil, até hoje, administrador da Empresa de Pesca de São Jacinto. Como «quem viaja tem muito que contar» (Benjamin, 1994: 198), Valdemar Aveiro deleita-nos com uma multiplicidade de memórias sobre a pesca longínqua e a sua terra – «então um imenso viveiro de gente devotada às lides do mar» (Aveiro, 2009: 16), recordações e estórias que viveu e ouviu contar (*idem*, 2016: 42), desde a sua meninice, ainda que a sua autobiografia de «lobo do mar» comece, em 1950, com 15 anos de idade, quando ingressa na Escola Profissional de Pesca (*idem*, 2014: 16), a que se seguiu o seu batismo de mar, em abril do ano seguinte, como «moço da câmara», a bordo do lugre motor *Viriato*. Viria a ser, sucessivamente, praticante de piloto , em 1957 (torna-se piloto titular, em 1959), a bordo do *Santa Mafalda*, da Empresa de Pesca de Aveiro (*idem*, 2012: 64); imediato, em 1960, a bordo do *Santa Joana*, navio de que viria a ser capitão, em 1970 (*ibid.*: 189); em 1973, está ao comando do *seu Coimbra*, «um verdadeiro puro sangue», da Empresa de Pesca de São Jacinto (*idem*, 2016: 101). Quinze anos depois, em agosto de 1988, por razões de saúde, abandona a vida de «nómada de um deserto líquido» (*idem*, 2009: 19; 2012: 214-215). Tinha 54 anos de idade.

Homenagem aos grandes trabalhadores do mar

As *Recordações* são expressamente dedicadas «a todos os homens que fizeram da pesca do bacalhau o seu modo de vida, independentemente da modalidade que seguiram – arrasto ou pesca à linha –, das suas funções a bordo ou dos seus lugares de nascimento», como refere logo a abrir o seu primeiro livro (*idem*, 2007: 11; 2009: 9). No segundo volume – *Histórias Desconhecidas dos*

Grandes Trabalhadores do Mar (2006) –, Valdemar Aveiro repete a dedicatória, lamentando nunca se ter dado «o verdadeiro relevo» «a todos os trabalhadores do mar que tenham passado a sua vida na Pesca do Bacalhau, no frios mares boreais», «por verificar, com imensa tristeza, a espécie de excomunhão a que marinheiros da pesca longínqua foram e são votados ainda, tratamento de exclusão de que eu também fui vítima» (2006: 13). No quarto volume associa a «saga da pesca do bacalhau» ao «grande projeto nacional» dos Descobrimentos portugueses, para melhor exaltar o papel dessa «imensidão de gente anónima, sem rosto, sem voz». No último volume, a aduela chave deste edifício, reafirma um «respeito imenso», uma «enorme admiração» e uma «verdadeira paixão» por «essa classe de trabalhadores que há incontáveis gerações têm dedicado as suas vidas à captura desse peixe que revolucionou o mundo». Mesmo quando discorre sobre a história da pesca do bacalhau, interessa-se pela vida dos pescadores (*idem*, 2006: 34).

Em todas essas dedicatórias «de sentido único», o Capitão Valdemar Aveiro reserva um espaço especial para as suas tripulações (oficiais, mestrança e marinhagem), para todos os que embarcaram sob o seu comando, os seus «rapazes», como lhes chama carinhosamente, pois foram a sua «família», o seu «clã», o seu «mundo» (*idem*, 2012: 9), reconhecendo que, sem a sua «lealdade e empenho», sem a «valiosa determinação que [esses homens] punham no seu trabalho», ele «não teria conseguido o sucesso que teve como Capitão, e o nome que tem como homem» (*ibid*.; 2009: 9). E deixa-nos desses «companheiros inseparáveis», com quem passou «os melhores e mais valiosos anos» da sua vida (*idem*, 2012: 21), «fechados numa unidade fabril flutuante, a operar 24 horas por dia, de forma contínua», o elogio de capitão: era «uma equipa poderosa, disciplinada, de elevado espírito competitivo», capaz de uma «produtividade impressionante» (*idem*, 2006: 7). Nesta homenagem, realça os nomes e feitos de alguns desses homens, como o eletricista Zé Manuel Bio, o radiotelegrafista Inácio Mergulhão, o cozinheiro Manuel Paz, os irmãos Zé Paulo e António Paulo Barros Nunes, primeiro e segundo maquinistas, respetivamente e, em especial, o já falecido Zé Sérgio, a quem viria a dedicar espaço destacado, com direito a fotografia, no último volume (*idem*, 2006: 8; 2016: 49-71).

Muitos outros mereceram o direito à posteridade nas suas páginas. Ao todo, Valdemar Aveiro evoca mais de uma centena de nomes de homens que com ele privaram, reconhecendo, todavia, a impossibilidade de os nomear a todos: «houvesse uma galeria onde estivessem expostos os seus retratos e não sentiria qualquer dificuldade em os identificar a todos», pois são «gente que na sua rudeza e pouca instrução, nos seus arrebatamentos atrabiliários,

na sua credulidade ingénua, por vezes comovedora, eram grandes senhores, reis, duques, condes, membros de uma nobreza por muito poucos conhecida, por quase todos ignorada» (*idem*, 2009: 44).

Ao longo da sua obra, outras figuras são nomeadas porque foram faróis das suas rotas. Antes de mais, rende uma «sentida homenagem a um grande Capitão e Senhor, do melhor que a terra de Ílhavo produziu – o Capitão David Calão», seu «mestre e grande amigo» (*idem*, 2009: 9, 200), não esquecendo os capitães António Capote, José Rocha, Joaquim Bela (*idem*, 2014: 117), e o Mestre António Boia, ou o inesquecível António Abade. Num plano diferente, coloca o Dr. Constantino Varela Cid, «um verdadeiro pai adotivo, já que aquilo que sou, em grande parte devo-lho a ele» (*idem*, 2012: 111), e dois armadores: Egas Salgueiro e Domingos Vaz Pais: «aquilo que hoje sou – o nome que tenho, a posição que ocupo – em grande parte lhes devo a ambos» (*idem*, 2012: 177, 216; 2016: 135).

«Diz-me quem prefacia os teus livros, dir-te-ei quem és»

Os livros são prefaciados por quatro grandes amigos, seus leitores atentos, gente conhecedora da vida e da história da pesca do bacalhau: o Capitão António Marques da Silva, também ele autor de um livro de recordações de viagens: *A Memória dos Bacalhoeiros. Uma Contribuição para a sua História* (Silva, 1999), prefaciado por Valdemar Aveiro; o Capitão Francisco Correia Marques, antigo diretor do Museu Marítimo de Ílhavo e co-autor de um belíssimo livro de memórias da pesca do fiel amigo: *Faina Maior. A Pesca do Bacalhau nos Mares da Terra Nova* (Marques / Lopes, 1996); o Arquiteto José António Paradela, também ele com o mar no sangue, e o Historiador e Consultor do Museu Marítimo, Álvaro Garrido.

Em *80 Graus Norte* (editado em 2004 com o título *Figuras e Factos do Passado*) – que conta já quatro edições (*idem*, 2009) –, o Capitão António Marques da Silva enfatiza o «atento espírito de observação», a «clareza de exposição e até por vezes humorismo luminoso», o «aguçado espírito de crítica», e elogia «a esclarecida inteligência e o esforço dos seus braços», que permitiram a este «homem lutador», «subir a pulso o caminho da vida que tinha decidido ser a sua», bem como a qualidade da sua escrita e apurada sensibilidade (Prefácio a Aveiro, 2009: 11).

Em *Histórias Desconhecidas dos Grandes Trabalhadores do Mar* (2006) – agora na quarta edição –, o Capitão Francisco Correia Marques traça uma

biografia breve do seu amigo Valdemar Aveiro, que conheceu com 10 anos de idade, aluno da professora Maria Marques, salientando que é, desde os anos 1920, «o único capitão ilhavense que vem do mais baixo posto hierárquico: moço» (Prefácio a Aveiro, 2006: 11). Nessas breves páginas elogia-lhe a ousadia, o humor, as histórias das gentes – «quebra o hermetismo e os tabus do marinheiro em terra» –, mas, também, «a minúcia e o rigor nas descrições da pesca, manobra, pesquisa e navegação no gelo que pratica com êxito após minucioso estudo», dando assim «preciosas achegas, subsídios e apontamentos que concorrem para a história marítima ilhavense, mas que a ultrapassam, inserindo-se na história da cultura marítima portuguesa» (*ibid*.: 12).

Em *Murmúrios do Vento* (2012), o Arquiteto José António Paradela elogia especialmente «a coragem para contar certas histórias passadas na segunda metade do séc. XX, por aqueles que efetivamente as viveram» – «é sobretudo a experiência autobiográfica que é vertida nestes livros» –, pois o seu pai nunca relatou «os mais amargos momentos que sofreu ao longo de uma vida de 53 anos no mar» (Prefácio a Aveiro, 2012: 11). Mas realça «a singularidade e sinceridade» da sua escrita, a narração «apaixonada e profundamente humana», a capacidade para resgatar do esquecimento todos os que convocou, e através deles todos os outros» (*ibid*., 12-13).

O Professor Álvaro Garrido prefaciou os dois últimos volumes. No primeiro, *Ecos do Grande Norte* (2014) – reeditado em 2015 –, elogia um «combate pela memória», o «dever de memória» assumido por Valdemar Aveiro «como imperativo ético e como gesto de homenagem aos homens do mar que foram ao bacalhau», salientando igualmente a «coragem narrativa», o «intenso realismo» da sua escrita, a profunda humanidade das suas personagens. A rematar, Garrido afirma: «Por muito que procuremos interpretar à luz da Razão, são quase místicas estas invocações da ‹grande pesca›. Talvez porque elas exprimem estados de alma, revolta e amargura, raramente paz de espírito».

No último volume – *Nómadas do Oceano* (2016) –, o mais importante historiador da pesca do bacalhau, olha para trás e faz um balanço: «Os livros de Valdemar Aveiro leem-se de um trago», realçando, neste volume, «sem gorduras», os traços salientes da sua escrita: «o desassombro do autor e a sua admirável personalidade – um caráter forte e inconfundível, apurado numa rica experiência de vida, em boa parte flutuante», que fazem dele um «narrador de muitos talentos».

Mas que memórias são estas?

Ao longo da sua obra, Valdemar Aveiro (2014: 15) mostra-nos o modo como construiu as memórias dos «trinta e cinco mais pujantes anos da sua vida» passados no mar. Quem conhece a sua memória prodigiosa, não duvidará da veracidade das suas tantas histórias, ainda que aqui e ali nos pareça que se deixou inebriar pelo seu talento para descrever situações e caracterizar personagens. Mas toda a memória é de algum modo um texto ficcional, não deixando de ser verdadeiro do ponto de vista de quem recorda. Depois de Fernando Pessoa (1932), para quem «O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente», sabemos pela pena de Italo Calvino que «escrever é sempre esconder alguma coisa para que seja depois descoberta» (Calvino, 2009: Cap. 8). Cabe ao leitor (e ao historiador) descobrir a verdade de um qualquer texto autobiográfico, sabendo que cada vez mais «a história será escrita sob a pressão das memórias coletivas […], à qual ditam os seus interesses e curiosidades» (Nora, 1990: 453).

Para os que não conhecem Valdemar Aveiro, tão copiosa informação parece ter sido produto do registo meticuloso de décadas. Mas não. Logo no início, o nosso autor enuncia os termos do seu «pacto autobiográfico» (Lejeune, 1996) com o leitor: «Não tendo por hábito fazer registos, todas as recordações foram retiradas dos arquivos da minha memória. Tudo quanto escrevo é verdadeiro, real, sem qualquer tentativa de enfatizar um ou outro caso que às pessoas alheias às lides do mar possa parecer fantasioso» (Aveiro, 2009: 43). Anos mais tarde, hesita e admite fragilidades às suas fontes, os «gavetões da memória» (*idem*, 2012: 110): «se a minha memória não me atraiçoa […]» (*ibid.*: 88).

Mostrando não ter qualquer interesse em fazer história, Valdemar Aveiro, mostra-se por vezes indiferente aos pormenores: «Não me lembro ao certo de quantos homens era a tripulação do *Viriato*. Sessenta, setenta? Também não tem qualquer interesse» (Aveiro, 2009: 43). Usa quase os mesmos termos noutra passagem: «Não posso precisar a data em que isto aconteceu, mas também não tem qualquer relevância para aquilo que vou contar» (*idem*, 2016: 67). Mas é neste excerto que ele mostra bem o entendimento que tem da Memória e da escrita da História: «Não é minha intenção debruçar-me sobre os armadores portugueses que tivemos ao longo da nossa História por uma razão muito simples: é que se trata de matéria que não domino. Ora gastar tempo a fazer pesquisas, que seriam inevitavelmente longas e morosas, manuseando velhos alfarrábios, não é tarefa que me agrade; *e também porque o que encontrasse não me dava garantia de autêntica veracidade*. Assim, *prefiro não sair do terreno sólido*

que tenho por vivência e convivência pessoal [itálicos meus] sem, no entanto, recusar informações úteis, vindas de pessoas que me merecem credibilidade» (*idem*, 2016: 137). Por isso, quando as memórias não são suas, adverte o leitor, nomeando quem lhas contou (*ibid.*: 42). Algumas vezes, não querendo dizer tudo, recorre-se de um outro expediente: dirige-se aos leitores, dizendo que faz uma descrição «de modo a que cada um possa fazer os seus juízos, formular opiniões» (Aveiro, 2012: 57).

Ao longo de quase 900 páginas de texto, Valdemar Aveiro fornece-nos uma abundante e rica informação sobre os mais variados temas, o que faz desta obra um ponto de encontro interdisciplinar, da educação à história, da geografia à antropologia, da culinária ao lazer, das técnicas da pesca à arte e técnica de navegação.

A mais importante informação destes livros prende-se, como disse, com a vida no mar, com as diversas modalidades de pesca do bacalhau, permitindo-nos acompanhar a passagem da pesca com veleiros e *dóris* à pesca com arrastões, as vantagens dos «popas» sobre os «clássicos», a pesquisa dos cardumes, conhecimento dos locais de captura, as espécies pescadas, a preparação do peixe, a salga e a congelação, a introdução de maquinaria que transformou os navios em fábricas flutuantes. Percebemos igualmente como os portugueses se relacionavam e aprendiam com outras frotas (francesas, inglesas, alemãs, russas, galegas e bascas, inglesas, etc.), as relações, nem sempre boas, entre capitães, num tempo em que não havia navios para tantos capitães – os que não partilhavam informações, os rotineiros e os que gostavam de trabalhar em equipa (Aveiro, 2016: 182) –, e entre estes e os armadores, e entre todos e as autoridades do Estado Novo. Não por acaso, foi posta a correr uma «ideia falsa» sobre ele de que, de simples moço da Escola de Pesca, se arvorara em oficial, «por vontade expressa do Almirante Tenreiro, o todo poderoso senhor das Pescas! (*idem*, 2009: 173; 2012, 60).

Nessas páginas apercebemo-nos das diferenças da vida a bordo nos três tipos de navios (*idem*, 2006: 14-15; 2012: 21; 2014: 53). Observador atento, Valdemar Aveiro deixa-nos quadros penetrantes sobre a violência do trabalho a bordo – 65 pessoas a trabalhar por turnos 14-16 horas, sem dias de descanso, encerradas num pequeno espaço de 700 metros quadrados, que funcionava como «uma fábrica de laboração contínua» (2012: 17-19). Nestes livros, percebemos as diferenças sociais à mesa, o que fazia com que os pescadores tivessem «por hábito levar de casa, para consumo durante a viagem, algum material da sua lavra; e assim batatas, cebolas, ossos de porco, chispe e orelheira, chouriças e salpicões, para fazerem as suas tainadas, sem terem de recorrer ao

cozinheiro, que em dias de mau humor atirava a albarda pelo ar» (*idem*, 2009: 184). E ficamos a saber como viviam os pescadores a bordo, os animais que criavam – aves e cães –, as zangas de alguns, as brincadeiras de outros. Do alto do seu panteísmo, Valdemar Aveiro deixa-nos histórias inolvidáveis, como as do Ti Petinga, que testemunha de uma forma única a passagem do culto da Senhora da Nazaré, entre os pescadores, para a Senhora de Fátima, nos anos 1950. Fervoroso devoto da Senhora da Nazaré, o Ti Petinga abominava a Virgem de Fátima, pois em seu entender, «não passava de uma trapaceira, uma ladra oportunista que apareceu à Senhora da Nazaré» (*idem*, 2012: 53; 2016: 43). A suas ideias desalinhadas permitem-lhe olhar os homens que guiava no seu arrastão como uma família, pois «a verdadeira família tem muito pouco a ver com os laços de sangue» (*idem*, 2014: 16). Mas, como ele mesmo salienta, «só quem por lá passou e aceitou este inferno como forma de vida, só esses e mais ninguém entendem estas palavras» (*idem*, 2014: 55). E nesse domínio, teve a coragem de incluir as mulheres, em descrições inesquecíveis. A mulher é «a miragem suprema» (*idem*, 2009: 98).

É inestimável a informação que nos deixa sobre as escolas profissionais por onde passou, especialmente sobre a Escola Profissional de Pesca, que frequentou antes do seu batismo de mar, e a Escola Náutica, que cursou depois de concluído o ensino secundário, em Lisboa, mostrando-se um fervoroso defensor das chamadas «didáticas da prática» (Billett, 2011; Aveiro, 2012: 209; 2016: 64): «as disciplinas práticas eram as mais aliciantes» (*idem*, 2012: 25, 36), enquanto mostra o seu «fascínio da aprendizagem e descoberta de coisas novas» (*idem*, 2007: 158). Para lá dos dados preciosos para a história do Stella Maris, Valdemar Aveiro mostra-nos as dificuldades que teve de enfrentar para fazer o curso liceal.

Valdemar Aveiro escreveu, mas bem podia contar oralmente, um vasto painel de histórias e memórias da Grande Pesca, como «os velhos narradores de tradição oral, espécie em extinção», no dizer de Walter Benjamin (1994). Escritas, estas histórias (e estórias) provam que um «texto é feito de escritas múltiplas, oriundas de várias culturas […], entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação», mas, como salienta Roland Barthes (2004: 64), «há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor […], é o leitor. Conseguirá o leitor sentir o que não viveu?

Referências bibliográficas e recursos na *World Wide Web*[1]

BARTHES, Roland (2004), «A morte do autor», in: B., R., *O Rumor da Língua*. Tradução brasileira por Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, p. 43-64. [1.ª public.: 1984].

BENJAMIN, Walter (1994), «O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov», in: B., W., *Obras Escolhidas. Magia e Técnica. Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 197--221. [1.ª public.: 1936].

BILLET, Stephen (2010), *Learning Through Practice. Models, Traditions, Orientations and Approaches*. New York: Springer.

BONDÍA, Jorge Larrosa (2002), «Notas sobre a experiência e o saber de experiência», *Revista Brasileira de Educação*, p. 20-28.

CALVINO, Italo (2009), *Se numa Noite de Inverno um Viajante*. Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Editorial Teorema. [1.ª public.: 1979].

LEJEUNE, Philippe (1996), *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Editions Seuil.

MARQUES, Francisco / LOPES, Ana Maria (1996), *Faina Maior. A Pesca do Bacalhau nos Mares da Terra Nova*. Lisboa: Quetzal.

NORA, Pierre (1990), «Memória colectiva», in: LE GOFF, Jacques / CHARTIER, Roger / REVEL, Jacques (eds.), *A Nova História*. Coimbra: Livraria Almedina, p. 451-454.

NUNES, Maria Leonor (02-10-2014), «Agustina Bessa Luís – a culpa prodigiosa», *JL. Jornal de Letras*, *Artes e Ideias,* p. 6-7.

PESSOA, Fernando [s.d.] [1932], «Autopsicografia». URL: http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-4234.pdf. [1.ª public.: 1932].

QUEIROZ, Eça de (2000), *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil. [1.ª public.: 1909].

SILVA, António Marques da (1999), *A Memória dos Bacalhoeiros. Uma Contribuição para a sua História*. Lisboa: Editorial Presença.

*Manuel Ferreira Rodrigues**

[1] Excluindo as obras de Valdemar Aveiro, acima indicadas.

* Universidade de Aveiro (Departamento de Educação). Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da mesma Universidade.